

Prot. ?/2015

04 de outubro de 2015

O "*poverello*" nos ensina a ler os tempos

Caros irmãos e irmãs, o Senhor lhes dê a paz!

Por ocasião da festa litúrgica do Seráfico Pai São Francisco, desejo enviar-lhes uma palavra de reflexão e de meditação.

Para nós Frades Menores Conventuais, que nesta parcela do mundo estamos vivenciando o tempo capitular, somos convidados a direcionar nossos olhares àquele que é a razão de nosso seguimento em Jesus Cristo. Não podemos jamais dizer que aquele que traz em si o distintivo de frade menor não se tenha encantado por tão grande e exemplar vida, humanizada e santificada como foi a de São Francisco. O esboço da vida real de Francisco de Assis foi descobrir que se nasce para viver, e que vivendo se vai aprendendo a ser um humano, e que sendo humano se descobre divino, isto é, um processo pedagógico e espiritual de reconciliação entre nossas humanidades e nossas mais profundas intuições espirituais.

Recentemente celebramos a primeira parte de nosso Capítulo Provincial e com alegria nos encontramos para avaliar nossa vida fraterna e espiritual. Nesta ocasião, recebi juntamente com o Definitório Provincial, o encargo de animar e organizar a nossa família religiosa e com eles, farei o possível para servir e guiar nossos irmãos para uma discernimento maior no serviço e fidelidade ao Reino de Deus. Para que isso seja efetivado, conto com vossas orações e ajuda, a fim de viver melhor a nossa vocação franciscana.

Ao aproximar-se a festa de São Francisco de Assis, parece-me salutar tomar nas mãos alguns temas e reflexões que possam alimentar a nossa vida franciscana em vários aspectos, clarear nossos caminhos e nos proporcionar abertura de coração e disponibilidade de vencer os erros e egoísmos e adentrarmos à vida nova, primeiro de Cristo; segundo, daquele que é a razão de nossa bandeira religiosa, São Francisco de Assis.

Tendo realizado, em quase sua totalidade, as visitas fraternas aos conventos da Província, pude descobrir ricos elementos da espiritualidade franciscana, mesmo que um certo pessimismo intransigente não quisesse aceitar tais elementos. A vida de nossa Província é neste momento alimentada por um profundo otimismo, aspecto fundamental da esperança e alegria franciscana. Esse otimismo é a base do diálogo fraterno e maduro que nossa comunidade provincial precisa descobrir, ceder e administrar, sem excessos, pois o excesso pode desvelar-se em desespero!

Esse otimismo com toda certeza é fruto da maturidade em nós, que se torna cada vez mais real, não obstante, por índoles próprias e ingênuas às vezes insistirmos em antagonismos que já não produzem nada, nem para nossa vocação religiosa, nem para nossa missão biológica de seres humanos. Nossa família provincial já tem mais da metade de seus membros, professos solenes, com mais de quarenta anos de idade. A idade física comporta sobre nós discernimentos importantes, que ajudam na missão de tornar evidente e seguro, nossa decisão em seguir São Francisco. Mas também, não poderia deixar de mencionar o quanto nossa idade psíquica influencia na nossa identidade de franciscanos. E esta última é justamente onde pesa nossa fraqueza. Mas com toda a certeza o otimismo não se alimenta de evidências palpáveis, mas sobretudo de graça divina, de fortuna sagrada dada e historicamente sintonizada no tempo e espaço da vida provincial.

Quem de nós não nos perguntamos que tempo é esse de nossa maturidade fraterna? O que este tempo de memória da graça missionária nos ensinou? Que dramas vivemos que nos feriram? Que luzes e que sobras herdamos e deixaremos para o futuro de nossa missão franciscana? Essas e outras excelentes questões as sintetizo em três momentos da vida religiosa, a saber: o tempo do nascer, o tempo de produzir e de cansar, o tempo de amadurecer.

1. O tempo de nascer

Como foi na história vocacional de São Francisco de Assis, nós frades nascemos para o encantamento do singular mistério humano-divino de Jesus. Ele (São Francisco) na nossa experiência fundante, se fez encontro, porque se tornou um modelo, uma possibilidade de conversão, de aceitação, de imitação e como jovens que éramos, nos encantamos pela revolucionária ideia de ser franciscano, porque algo nos apaixonou, nos descompôs e nós cedemos. Parece romântico demais fazer esta memória, mas ao contrário, o que nos fez estar aqui nesta província não foi outra coisa senão algo real e concreto, a coragem apaixonante de aventurar-se no infindável mistério de nascer pra algo de novo, mesmo que este tivesse somente um enfoque temporal e não consistente.

E como custou a cada um de nós nascer fisicamente? Basta atentar quanto choro e dor é um nascimento. Quanto trauma adquirimos ao sermos tirados do útero de nossa mãe. Perdemos muito...perdemos o calor e o conforto de estarmos seguros e protegidos, para sermos lançados em um universo que cronologicamente nos trás incertezas e dúvidas. Mas não nos faltou a possibilidade de cuidado. E se agora aqui estamos a ler estas letras é porque um programa de vida traçamos. Fomos cuidados, entre “trancos e barrancos”, como no dizer popular... Deus cuidou de nós. Não nos faltou o que a providência dos irmãos poderia nos dar. A cada tempo a quantidade necessária de nossa fome se compensou e diante desse tempo de nascer fomos alimentados, por bons e saudáveis alimentos, como ocasionalmente por venenos mortais. E a escolha do que buscamos nos alimentar no tempo do nascer, muitas vezes coube somente a nós.

Sobre isso refiro-me ao tempo da formação do frade menor. E sobre esse tema geralmente somos capazes de falar pouco, porque a consistência desse percurso

parece superada. Mas nem sempre é assim. Um bom exame de consciência pode renovar no frade a possibilidade de detectar onde começou aquilo que no hoje, me faz mais ou menos maduro ou imaturo na vida religiosa franciscana.

Acostumei ouvir que na infância são formados os caracteres mais fortes do ser humano, capacidades de altruísmo ou de egoísmo. Quase sempre um e outro afetam a maturidade espiritual e humana. E para não parecer psicologismo barato e essa ideia ser esvaziada por preconceito qualquer, basta olhar para sua fraternidade conventual e verás um ou outro elemento. Somos assim irmãos e portanto, é imprescindível que façamos voltar essa história em nós, porque o fez São Francisco no “tempo de nascer” de sua história vocacional.

Que memória importante é para nós recordar a cena do despojamento das vestes de Francisco na praça de Assis (Cf. 1Cel 15). Ora, essa história não nos foi escrita por acaso. A genuína expressão de estar nu e opor-se a fome de poder, ter e ser de seu pai, faz com que Francisco revele a sua mais profunda natureza, conquistada por fortes embates no tempo de nascer. Existiu em Francisco uma capacidade ímpar de ler os sinais dos tempos e não querer ser outro senão o que a realidade lhe propunha. E romper foi a melhor escolha!

O tempo de nascer na vida franciscana requer de nós romper. Aliás a essência do franciscaníssimo é isso, ruptura, mesmo que nosso pudor devoto não aceite. O que nos parece é que o “desapegar-se e adequar-se” são os dois elementos primordiais da índole franciscana de inovar. Aqui não se refere a continuidades existenciais e institucionais, mas uma ruptura profética, aberta a ser adaptada no mundo e no tempo contextual, como fez São Francisco. É importante que no tempo de formar do frade menor ele saiba ceder e romper, não aperfeiçoar o que já sabe, não entrar numa dinâmica da uniformidade, mas se fazer capaz de incluir as diversidades. Alguns de nós já chegamos com a espiritualidade pronta, com o perfil descrito, com a identidade formada e infelizmente não nos descobrimos como frades, mas homens aperfeiçoados no que já éramos antes. Alguns de nós só nos preocupamos em ser o “bom moço” e por fim nos enganamos e enganamos a todos. Faltou a transparência vocacional.

O tempo de nascer nos fez ser, em maiores ou menores medidas, frades que aderimos ou frades que aperfeiçoamos. Ambos com a graça de Deus se colocaram diante do ofício de abraçar causas e de crescer junto com elas. Quantas boas experiências nos trouxeram a clareza motivacional. E por meio dessa motivação fomos inseridos e chegamos ao tempo de produzir e de cansar.

O tempo de nascer poderá nesses dias da festa do Seráfico Pai ser a possibilidade de repensarmos e reconstruirmos a nossa vocação e o primeiro passo é vencer nosso preconceito e preguiça de mexer nessa memória. Eis diante de nós a mesma pergunta que fez São Francisco ao crucificado: “Senhor que queres que eu faça?”

2. Tempo de produzir e de cansar

Quem não quer dar sentido a sua vida vocacional? Quase sempre confundimos a realização pessoal e religiosa com a produção. E na maioria das vezes foi assim que nos ensinaram, os pais e os formadores no tempo de nascer. E São Francisco não foi diferente na reconstrução das Igrejas. (Cf. 1Cel 18). Quanta utilidade esse mandato do Senhor. Quanta realização!

O tempo de produzir e cansar é a escola das escolhas e do grande aprendizado. Por tantas vezes a prova nos conduziu a acertarmos, mas também tantas vezes erramos. O importante é se fomos capazes de aprender e apreender. Dois caminhos se colocam à frente de quem está no tempo de produzir. Primeiro, o do desejo e o segundo, da renúncia. O desejo, visto pelo enfoque positivo, é a força que nos conduz. Que nos faz ágeis, habilitados no serviço e encantado com os resultados. O desejo é a fonte animadora das motivações.

Do ponto de vista franciscano, o desejo têm um papel fundamental no equilíbrio da pessoa. Ora, se perdermos o desejo morreremos. Pois, o desejo é também a grande fonte dos sonhos e esperanças. E para nos apoiarmos em um argumento de autoridade basta olharmos quanto desejo teve Francisco de construir o que lhe parecia o melhor e o bem. Mas com o passar do tempo, diz o biógrafo, deixou de construir igrejas e começou uma vida de penitência, isto é de renúncia. (Cf. 1 Cel 22). Essa passagem entre o ideal produtivo para a renúncia, nos faz crer que nem sempre conseguiremos fazer tão bem o “Bem” que pensamos. O fundamental entre o desejo e a renúncia é transformar o calor em conteúdo, a imaginação em energia vital, a riqueza em vontade. Tomar consciência de educar nossos desejos de produção nos faz assentar na minoridade e perceber que Deus é o construtor e nós os operários. Quanta dificuldade de encontrar esse equilíbrio em nossas realidades? Focados na aparência construímos muito e por fim o que sentimos é ingratidão, porque não fomos equilibrados neste processo de renunciar. Por vezes nossa fraternidade se alimenta dessa publicidade vazia, de uma publicidade pouco operante, porque não é para a família, mas para a pessoa.

A centralidade na vida fraterna poderá ser o remédio para este mal. E quando falamos em fraternidade nos sentimos desmotivados. Claro, somos frutos de uma sociedade do indivíduo e filhos de um tempo. Mas, por outro lado, somos profundamente encantados com a possibilidade de viver em comunhão. A espiritualidade de comunhão ainda coloca em cheque a vida franciscana, porque ela nos chama a renúncia, mas também nos dá a possibilidade de não está sozinho no caminho da vida religiosa. Falta-nos voltar a acreditar que o diálogo é possível e que a comunhão é capaz de harmonizar as diferenças. Será necessário nessa reflexão entender que somos uma *fraternitas* e não uma *comunitas*. Qual a diferença? Na comunidade estamos em função do *múnus*, é funcional e prático, resolvemos as coisas que tem para resolver e delegamos alguém que nos represente, verticalizamos as relações e por fim, um assume os bônus e ônus. Na fraternidade não é bem assim, há uma horizontalidade que nos custa muito e requer de nós pensamento otimista e pedagógico. Há uma paridade constitutiva, centrada no nós. Por acaso a palavra Ministro significa Abade? Não. Significa servo. Mas, não é só uma distinção teórica, é antes de tudo um enfoque da forma com que nos colocamos em ruptura com a mentalidade desse mundo. E que claro, torna-se um peso quase impossível.

No tempo de produzir se escolhermos em sermos os protagonistas, seremos também sós de um projeto individual, na maioria das vezes bom e salutar, mas sempre com grande possibilidade de diluir-se rapidamente ou colocaremos em comunhão os projetos e motivaremos a todos a pensar no bem comum, mesmo que este não dê os melhores resultados compensatórios, mas que poderão ser duradouros e envolventes. Creio que este último, eu e todos que leram pensaram. “Difícil de colocar em prática.” E concordo, pois não fomos educados pra isto. Porém, quem de nós que no tempo de produção não se sentiu cansado e desmotivado? E por vezes um orgulho infantil nos dominou e preferimos sofrer do que ceder a comunhão. Evidentemente, trata-se de uma distinção teórica pois o cansaço nos faz repensar o projeto e tantas vezes o que descobrimos foi que quando o projeto é pessoal o resultado será “ingratidão”, quando o projeto é fraterno o resultado será “realização” porque é mantido, transparente e tem continuidade. A mudança de paradigma será fundamental nesse processo.

O que o cansar no ensina? O cansaço no ensina a descansar, não abandonar mas, ponderar e recomeçar melhor, mais maduros. São Francisco, no diz o biógrafo, entre idas e vindas foi se moldando num aperfeiçoamento inteligente. O otimismo de Francisco o alimentava e o confronto lhe fazia crescer como ser humano e como um santo. Ah quanto medo nos tempos de confrontos? O confronto no cansa, pode produzir facilmente um abandono. E na grande maioria de nós preferimos o “deixar pra lá” porque não vale a pena. Mas se recolhermos do confronto a saúde salutar de continuar a crer e vencer para obter clareza de comunhão, recolheremos muito, pois de frades pessimistas, poderemos alcançar o degrau do otimismo e deste ao do realismo.

O tempo do cansar é a escola da maturidade que se aproxima, se bem conduzido e reconhecido poderá nos livrar da frustração. Será importante para o frade menor entender que a realização não consistirá em outra coisa senão do reconhecimento da fraternidade, que como disse, só acontece quando o projeto é perene e eficaz para a família, pois em contra partida a frustração é resultado mais coeso do frade menor que não conseguiu entender o que é a comunhão, mesmo com todos os confrontos que esta aporta. Daí que ouvir entre os irmãos a palavra “ingratidão” não nos parece inovador.

O tempo do cansar nos permitirá clareza de valores, recordação da experiência fundante e a internalização do que realmente é essencial. E para tanto o cuidado para não relativizar isto será de fundamental importância pois só assim entenderemos a valor da maturidade franciscana.

3. Tempo de amadurecer

A maturidade franciscana é a meta da vida do frade menor e só se torna possível para aquele que conseguiu crescer em humanidade e espiritualidade. Sempre é bom não confundir, porque nossa tentação é espiritualizar o que não cabe espiritualização, mas experiência. Na maturidade somamos e construímos pontes e não muros. O paradigma essencial é reconhecer o método do nível exterior para o interior e deste para o transcendente.

A maturidade franciscana requer de nós superar os infantilismos do tempo do nascer e do tempo de produção e cansaço. Que infantilismo são esses? Primeiro o da imaturidade afetiva, segundo dos preconceitos, terceiro, da espiritualidade medíocre.

No tocante a imaturidade afetiva, nos descobrimos infantis como em fase de identidade ou desintegrados nela. É evidente que a vida religiosa desintegra a vida afetiva quando não harmonizada, não entendida e não aceita. Quase sempre em nossas realidades somos frades prisioneiros do quartos equipados com virtualidades de entretenimento e claro que esta não nos inclui no mundo e na sociedade fisicamente, mas quase sempre no sentido obscuro e subumano. E o povo diz: Que gente estranha! Não digo estranha no sentido do testemunho que se deve dar em rompimento com a mentalidade desse mundo, mas no sentido de estranheza humana, física e psíquica, o povo sabe quando o frade é sadio e quando está doente. O tempo do nascer e produzir nos causou, por vezes, dores fortes e emoções latentes e com isso doenças psíquicas e espirituais. O primeiro passo é querer ser curado, o que quase sempre não queremos por motivos ascéticos. Sempre será necessário ter medo da ascese que quer se defender da cura.

A maturidade afetiva requer transitar entre o universo cultural e espiritual. Culturalmente empobrecidos não seremos capazes de sedimentar as experiências e interpretá-las. A cultura nos exige capacidade intelectual e isso temos que buscar como preparação teórica da vida franciscana. O conceito pode nos ajudar a nos entender a vida franciscana. Por outro lado, a maturidade afetiva exige de nós também a capacidade de doar-se, de servir e do equilíbrio da personalidade a fim de construirmos uma identidade de frade menor. E qual seria? É possível? Sim é! O frade menor é um reconciliado com todas as criaturas (Cf. 1 Cel 80) como e a exemplo de São Francisco em seu amor pelas criaturas. São Francisco nos ensina a não estar no centro e nem preocupado com a própria imagem, onde as compensações se tornam frequentes. Fugir das aparências é fundamental na formação da identidade franciscana. Porque o reconciliado é um igual a todos, nem maior, nem menor, mas irmão.

Algumas habilidades são essenciais nesse processo. A primeira delas é vencer os preconceitos. Por sermos uma ordem religiosa e uma comunidade eclesial milenar, confundimos com frequência preconceitos com vivências, quase sempre são acompanhados por moralismos em vez de moralidade. O exercício da compreensão pode nos ajudar nesse momento, pois, compreender é reconhecer as áreas menos fortes e menos livres de nossa própria personalidade, a fim de não projetarmos sobre os outros o nosso próprio universo pessoal e moral. A capacidade de discernir pugna contra os conceitos errôneos produzidos por uma doutrina, uma ideologia e ainda por conteúdos prontos, que já recebemos e somente queremos vivenciá-los por melancolia e segurança, tornando-os, no mundo de hoje, impossíveis e inaplicáveis. Vencer os preconceitos e reconhecer, por coerência intelectual e espiritual, que a autenticidade é um remédio contra o preconceito, não significa que você deve ser um modelo de frade menor, pois esse ser perfeito não existe, só é possível na nossa fantasia religiosa. A autenticidade é transparente e dificilmente será motivo de condenação, de tão verdadeira que é,

dado que os mecanismos de autodefesa se tornam inúteis e obsoletos como quando nos deparamos com a humildade e simplicidade de São Francisco (Cf.) Sinais transparentes de sua autenticidade que não razão de ser agressivo a ninguém.

Por fim, o tempo de amadurecer nos convoca a uma espiritualidade sadia e não medíocre. Quase sempre o frade menor é tentado a achar mediano o que não é radical. Pelo contrário, medíocre é o que nos ridiculariza enquanto homens evangélicos. Hoje, o sistema religioso encontra-se desgastado e para grande parcela, até do crentes, inoperante. Isso acontece quando o frade menor vê a espiritualidade como doutrina e não como caminho, via e seguimento de Jesus.

Uma espiritualidade que não contará com o ser humano pode ser para nós perigosa pois, na espiritualidade de Francisco de Assis, o que nos engrandece é a possibilidade de sair de si mesmo ao encontro da realidade. E como a realidade nos assusta, choca, descontrói, nos faz perder o chão da existência. Para o frade menor a maturidade só poderá ser alcançada quando houver possibilidade de crise e de esvaziamento de nossas razões lógicas e doutrinárias. Por outro lado a espiritualidade medíocre nos leva a práticas pré-fabricadas e pouco exigentes na aplicação criativa do Evangelho. É medíocre porque oferece pouca luta, pouco esforço e acomodada no mínimo que pode oferecer, achando que está no muito do Espírito. Geralmente a espiritualidade medíocre é impregnada de autoritarismos, de pessimismo, pouco aberta a inovação própria do estado enfraquecido e doente. Porquanto, na espiritualidade sadia encontra-se do otimismo ao realismo uma abertura autêntica que quando erra é capaz de reconhecer e quando acertar e capaz de agradecer. A espiritualidade sadia nos permite descobrir a limitação no caminho, do desvelar da vida e assim damos o melhor de nós, de modo especial na vida apostólica, na pregação do Evangelho. A espiritualidade liberta, dá oxigênio e quer respirar, integra-se no universo e permiti-nos escutar e acolher, nada poderá ser nesta perspectiva sufocante, mas tudo é prazer e vida no Espírito.

Portanto é imprescindível que, com o otimismo universal de São Francisco, jamais percamos de vista sua história e exemplo. Nós de modo especial que estamos neste tempo celebrando, enquanto Província, o nosso Capítulo Ordinário, possamos levá-lo para a nossa vida real, mesmo que nos sintamos incomodados porque não sabemos como realizar o que ele nos ensinou. Porém, animados pela força que o impulsionou, possamos dizer que é dando que se recebe, é perdendo que se é perdoado e é morrendo que se vive para a vida eterna. Os tempos de nascer, de produzir e amadurecer são para nós a síntese dessa expressão com que posso me autônomoar “franciscano”.

A todos meus irmãos a benção de Deus por intercessão do Seráfico Pai São Francisco,

Brasília, 30 de setembro de 2015
Festa dos Santos Arcanjos

Frei Marcelo Veronez, OFMConv.
Ministro Provincial